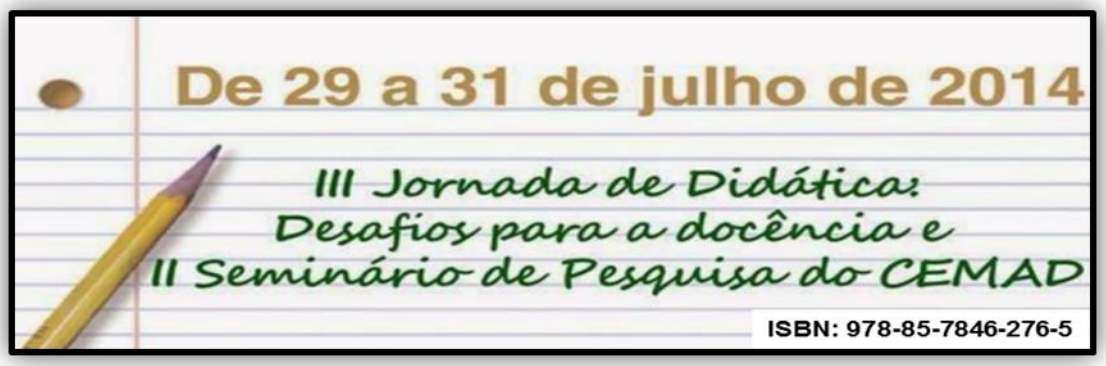

LEITURA IMAGÉTICA: UMA PROPOSTA DE CURADORIA EDUCATIVA NAS OFICINAS PEDAGÓGICAS DE ARTE DE ESCOLAS MUNICIPAIS COM JORNADA AMPLIADA.

Autora: Laura Célia Sant' Ana Cabral Cava
Co-autora: Okçana Batini
Universidade Norte do Paraná – UNOPAR
Programa de Pós-Graduação – Mestrado Acadêmico em Metodologias para o ensino em linguagens e suas Tecnologias
laura.ccava@gmail.com
okcana@unopar.com
Eixos temáticos
Didática e Práticas de Ensino na Educação Básica

RESUMO

Este artigo foi elaborado a partir do resultado parcial de uma pesquisa com os professores que atuam em oficinas pedagógicas de Arte, nas escolas de educação integral na cidade de Londrina. Nossa pesquisa, dentre outros objetivos, buscou levantar a necessidade de uma temática para o processo de formação continuada dos professores que ministram estas oficinas. A maioria dos professores escolheu a temática curadoria educativa, visto ser uma proposta de grande relevância para eles. A partir desta temática abordamos a importância da leitura imagética, mais especificamente, a leitura de obras de arte, por fazer parte de uma das atividades exercidas na curadoria educativa, alem da seleção das obras, dos critérios utilizados na escolha, levando em conta uma unidade entre elas, a organização destas, a visita a espaços culturais, dentre outros. O professor, nesta proposta, além de atuar semelhante a um curador em um museu, é o mediador que articula momentos de apreciação estética, produção artística, juntamente com a contextualização histórica.

Palavras chave: Imagem, arte e mediação.

ABSTRAT

This article was prepared from the partial results of a survey of teachers who work in art workshops, comprehensive education in the schools of the city of Londrina. Our research, among other goals, sought to raise the issue of the need for continuing education of teachers who teach these workshops. Most teachers chose the theme

curated educational, since it is relevant to them. From this theme, we discussed the importance of images, more specifically, the reading of works of art, which is part of the activities of the education curator, besides the selection of works, the criteria used in this selection, unity, organization, visits to museums, among others. The teacher in this proposal is similar to a curator in a museum, is the mediator who articulates moments of aesthetic appreciation, artistic production, together with the and historical context.

Keywords: image, art and mediation.

A arte não reproduz o que vemos, ela nos faz ver.
Paul Klee

INTRODUÇÃO

O presente artigo foi elaborado a partir do resultado parcial de uma pesquisa com os professores que atuam em oficinas pedagógicas de Arte, nas escolas de educação integral na cidade de Londrina. No universo de oitenta escolas municipais, dezoito destas são de jornada ampliada, isto é, todas funcionam em turno integral: um turno do ensino formal e outro de oficinas pedagógicas, no entanto, como apenas uma destas dezoito escolas, alterou sua matriz curricular para se tornar legalmente escola de educação integral e as demais ainda estão neste processo gradativo de legalização, neste artigo as denominaremos de **escolas de jornada ampliada.**

A Educação Integral é de fundamental relevância, pois compreende o aluno em sua integralidade e abrange os aspectos cognitivos, físicos, sociais, emocionais, estéticos e éticos.

É importante distinguirmos a Educação Integral da Educação Integral em Tempo Integral, que é a proposta de Londrina: a primeira considera o aluno em sua integralidade, no entanto, o atende parcialmente, em quatro ou cinco horas diárias. Já a Educação Integral em Tempo Integral, além das quatro horas do ensino formal, o tempo é estendido, ela oferece mais três ou quatro horas no turno inverso, em um total de sete a nove horas diárias. Sendo assim, podemos compreender que ambas promovem, além do ensino formal, o ensino de diferentes linguagens como: esporte, arte, informática, línguas estrangeiras dentre outros, tendo como ideal a compreensão do direito de

aprender ligado à vida, à saúde, à liberdade, ao respeito, à dignidade e à convivência familiar e comunitária.

Assim, educação integral não se resume a tempo integral, embora o tempo seja condição necessária para efetivá-la. O consenso é que deve haver mais tempo para um professor ensinar conteúdos do ensino formal e outros saberes aos alunos, presumindo-se que mais tempo possibilite uma quantidade maior de oportunidades de aprendizagem. Isso significa que uma política efetiva de educação integral não se traduz, apenas, em aumentar o tempo de escolarização, mas requer mudar a própria concepção e o tipo de formação oferecido aos futuros cidadãos.

A escolha pelos professores de oficinas pedagógicas de Arte nesta pesquisa foi devido à formação do pesquisador nesta área do conhecimento, e por ministrar cursos de formação continuada a estes mesmos professores desde 2010. Também pelo fato da relevância do ensino de Arte, principalmente nos anos iniciais do ensino fundamental, que é a faixa etária dos alunos que frequentam estas oficinas, pois a arte possibilita o desenvolvimento cognitivo, afetivo, social e estético. Sendo assim, a arte no contexto escolar deve ser pensada como uma área do conhecimento que possibilita uma reflexão sobre os valores artísticos e estéticos em nossa sociedade.

Pensar no ensino de Arte é primeiramente compreender que a arte é conhecimento e também mexe com emoções e sentimentos. Por meio das propostas artísticas os alunos constroem seus conhecimentos artísticos, estéticos e contextualizados. A arte é também linguagem, pois comunica, desta maneira, importante no contexto escolar, por meio dela os alunos se expressam e são estimulados à reflexão, à investigação, a experimentações, a comparações, a ter curiosidade, a levantar hipóteses, ao trabalho em equipe dentre outros.

Nossa pesquisa contou com dois momentos distintos: no primeiro aplicamos um questionário para sabermos se ocorreram ou não mudanças na ação dos professores de Arte após a inclusão da expansão da jornada no espaço escolar. Após esse levantamento, no segundo momento, buscamos levantar a necessidade de uma temática para o processo de formação continuada destes professores. A maioria deles escolheu a curadoria educativa, visto ser uma proposta de grande relevância para eles.

O professor nesta proposta, além de mediador, atua como se fosse um curador em um museu, exercendo assim, algumas funções semelhantes a este. De acordo com Martins (2006), o curador de qualquer exposição é sempre o primeiro responsável pelo conceito da mostra a ser exibida, pelas escolhas dos trabalhos, da cor das paredes, iluminação etc.

O curador é aquele que de certa forma, conduz um projeto, uma proposta que culmina em uma exposição em um museu, galeria ou outro espaço destinado à arte. É ele quem faz uma leitura, em relação aos trabalhos que serão expostos e os organiza neste espaço. O curador precisa ter uma percepção aguçada e sensível, no sentido de promover um espaço estimulante, interrogante e provocador ao público. Pensando no contexto escolar, o espaço estimulante, interrogante e provocador seria a própria sala de aula.

Neste caso, o professor é aquele que seleciona as obras de arte que irá trabalhar, respeitando uma unidade entre elas, organiza o espaço escolar onde irá expô-las e planeja propostas artísticas a partir da leitura de obra de arte e apreciação estética. Nesta analogia entre ambos e suas funções, realizar uma curadoria educativa é saber fazer escolhas de obras de arte com o objetivo de explorar a potência da arte como veículo de ação cultural. O curador tem a função de tornar a arte acessível a um público diversificado para dinamizar a relação entre arte/indivíduo/sociedade, da mesma forma o professor neste papel, articulando arte, aluno e sociedade.

A curadoria educativa propõe as seguintes atividades, tanto aos alunos, como também aos professores: escolha de obras de arte, levando em conta o critério a ser escolhido, percepção de um fio condutor entre as obras, que poderá ser por temática, contexto histórico, cor, estilo etc., a leitura da obra de arte, que diz respeito à apreciação e interpretação, a organização destas obras em um determinado local, que poderá ser a sala de aula ou outro, a produção artística, tendo como suporte interpretativo as obras escolhidas, a visita a espaços culturais como museus, galerias, dentre outros, além do conhecimento de espaços culturais de sua cidade, saber sobre ele, sua importância, como funciona, como encontrar no catálogo de uma exposição, o nome da obra, do artista e outras informações relevantes.

O professor, nesta proposta, é o mediador que articula momentos de apreciação estética, produção artística, juntamente com a reflexão e a contextualização histórica.

Martins (2006) coordena um grupo de pesquisa - Mediação Arte/Cultura/Público desde 2003, formado por professores de História e Arte, que atuam da Educação Infantil à Pós-graduação. O objetivo do grupo é que os integrantes olhem para a prática de outros professores na mesma medida em que olham para suas práticas como educadores, para compreender como se dá suas escolhas em relação às obras de arte em suas aulas, que critérios utilizavam. Segundo esta autora:

> [...] pode-se realizar a seleção numa visão cronológica ou não, fazendo conexões com elas, isto é, pensar como um mapa, ligando uma obra com outra de diferentes partes. Não precisa seguir uma linha histórica, para os educadores curadores é necessário pensar e definir: O que escolhemos para mostrar? Com quais critérios? Escolhemos apenas o que gostamos? Apenas as obras de arte que conhecemos que "sabemos falar sobre" ou o que nos provoca? Como propor os encontros entre os alunos e as imagens? De onde vêem as imagens que utilizamos? Originais ou reproduções? Nossa seleção pode ser chamada de curadoria educativa?

De acordo com Martins (2006), a idéia de curadoria educativa partiu de Luis Guilherme Vergara (1996 apud MARTINS, 2006). Este aponta que a curadoria educativa tem como objetivo: "explorar a potência da arte como veículo de ação cultural. [...] constituindo-se como uma proposta de dinamização de experiências estéticas junto ao objeto artístico exposto perante um público diversificado". A idéia de experiência estética está para ele intimamente ligada à construção da "consciência do olhar", como uma "experiência da consciência ativa".

Como a leitura imagética, mais especificamente, a leitura de obra de arte, está intimamente ligada à curadoria educativa, torna-se pertinente aprofundamos este assunto.

Os alunos convivem com muitos estímulos visuais, sonoros dentre outros, sendo assim, a alfabetização visual torna-se uma necessidade, precisamos estimular nossos alunos a ver e aprender a ver. Mas afinal, como os alunos podem

aprender a ver? Como estimulá-los a verem? As pessoas só conseguem ver, perceber determinados detalhes, nuances daquilo que conhecem que observam com atenção, por isso a necessidade de trabalhar com leitura de imagens/obras de arte para aprender interpretá-las, pois estas são carregadas de significado e comunicam.

Exemplificando, para entendermos a relevância da leitura de imagem/obra de arte, quando um médico olha um exame de ultrassom, ele entende certos significados que uma pessoa leiga não compreende isto porque, ele conhece o assunto e aprendeu a interpretar aquelas imagens. Quando educamos o olhar dos alunos, no sentido de diante de uma obra de arte, eles percebam cores, formas, texturas, temáticas, intenções, conceitos, mensagens, sensações, simbologias e outros, certamente compreenderão melhor os códigos artísticos.

Para Pillar (1996):

> [...] ler uma obra seria perceber, compreender, interpretar esta trama de cores, texturas, volumes, formas, linhas que constituem uma linguagem. Perceber objetivamente os elementos presentes na imagem, sua temática, sua estrutura. Seria saboreá-la em diversos significados. A leitura de uma obra de arte é uma aventura onde cognição e sensibilidade se interpenetram na busca de significados, na leitura de mundo.

O medo de professores brasileiros em utilizar imagens é citado por Barbosa (1998). Ela comenta que estes professores abrem mão da televisão, das obras de arte e imagens em geral, por temerem a sedução de seus alunos por elas, já que o mundo fora das quatro paredes de uma sala de aula é inundado por imagens e isso os seduz. Portanto, o medo dos docentes neste sentido é por não terem sido preparados para decodificá-las e usá-las em prol da aprendizagem reflexiva de seus alunos.

De acordo com Martins (1998, p.74),

> Para cultivarmos o hábito da leitura de obras artísticas, é fundamental não só o contato com as reproduções de obras de arte (já que nossa presença frente às originais nem sempre é possível), como também a frequência a galerias de arte, museus, teatros, concertos óperas, etc. [...] ler é produzir sentido. Lemos a cor vermelha em uma obra figurativa ou abstrata, da mesma maneira que a cor vermelha do semafaro? Nesse

> momento, lidamos com códigos fechados, que são signos utilitários, porque o homem lhes atribuiu um único significado para melhor organizar sua vida.
>
> Diante do elemento cor na obra de arte, abre-se possibilidade da multiplicidade de leituras. Nesse momento você, enquanto fruidor aprecia uma composição estruturada por códigos abertos, cuja decodificação permite uma infinidade inesgotável de interpretações.

Ao propor atividades como a leitura de obras de arte, o professor estará propiciando aos alunos o desenvolvimento da percepção, observação, atenção, análise, senso crítico, senso estético dentre outros. Para Martins (1998),

> Da mesma forma que para ler os livros precisamos decodificar as letras, sílabas, dominar a gramática, enfim, ser alfabetizados nessa língua, o mesmo acontece com a arte. Quanto mais uma pessoa entra em contato com as formas artísticas, mais se aprofunda nessa linguagem, enriquece seu repertório, conhece autores/artistas, tem acesso à compreensão da produção estética da Humanidade. (MARTINS, 1998, p. 74).

Na leitura de obra de arte, o professor poderá trabalhar com uma ou mais obras. Neste trabalho com mais de uma obra, aconselhamos que o professor escolha obras de arte que tenham um fio condutor, que haja unidade entre elas. As atividades realizadas na curadoria educativa desenvolvida juntamente com os alunos, possibilita também que os alunos compreendam certos códigos artísticos e elementos como: ponto, linha, cor, equilíbrio, volume, movimento, harmonia entre outros.

Nas escolhas das obras de arte a serem trabalhadas, é importante que o professor pense em ampliar o leque de conhecimentos de seus alunos em relação às obras de arte, de forma a contemplar os diversos movimentos artísticos, os diferentes estilos e épocas, trabalhar com obras não apenas ocidentais, mas também com a arte oriental, latina, africana, a arte local, regional, nacional e internacional, com artistas renomados ou não. Não devemos esquecer dos artistas contemporâneos, além dos já falecidos, os contemporâneos vivos, senão os alunos começarão a acreditar que todo artista plástico só viveu há muito tempo atrás e estão todos mortos.

De acordo com os Parâmetros Curriculares nacionais de Arte - PCN de Brasil (1997):

> Conhecendo arte de outras culturas, o aluno poderá compreender a relatividade dos valores que estão enraizados nos seus modos de pensar e agir, que pode criar um campo de sentido para a valorização do que lhe é próprio e favorecer abertura à riqueza e à diversidade da imaginação humana. Além disso, torna-se capaz de perceber sua realidade cotidiana mais vivamente, reconhecendo objetos e formas que estão à sua volta, no exercício de uma observação crítica do que existe na sua cultura, podendo criar condições para uma qualidade de vida melhor.

A arte nos faz compreender e respeitar as diferenças existentes entre pessoas, etnias, lugares, dentre outros.

Martins (2006), na sua pesquisa realizada com professores de Arte e História, diz que o critério para a escolha das obras de arte, escolhido por muitos destes professores é a beleza, outras vezes serviam para ilustrar ou para reafirmar as obras mais divulgadas, como as de Monet, Picasso, Van Gogh, Leonardo da Vinci, Tarsila do Amaral, Portinari e Volpi. Em alguns casos, ela é um conteúdo específico e pode traduzir uma abordagem superficial, valorizando apenas a disciplina de Arte e não a arte como linguagem, além de não potencializar a mediação das imagens e as provocações por ela suscitadas.

A mesma autora nos diz que o processo de ensino/aprendizagem ainda é visto numa perspectiva tradicional: o professor transmite conhecimentos através da linguagem escrita e/ou verbal e utiliza as imagens / obras de arte como ilustração, como recurso facilitador, de uma forma premeditada e não partilhada com os alunos. Há ainda a concepção das imagens como recurso didático, como reforço para fixar conteúdos, isto é, utilizada como um meio, como "reforço, ilustração e demonstração do que quer dizer". A imagem também é vista para diversificar a aula, para torná-la “mais agradável e interessante". Desta maneira, serve de motivação, de estímulo aos alunos, como algo familiar, em função do apelo visual das imagens no cotidiano, o que não as torna, contudo, mais compreendidas ou significativas.

Para Martins (2006), em relação às justificativas dos professores pelas escolhas das obras de arte:

> [...] poucos professores e estudantes focalizaram os seus alunos. Apenas um graduando que leciona afirma que "os alunos fazem parte de uma geração visual" e que a imagem na sala de aula possibilita a "discussão estética com alunos" e o "exercício do pensamento crítico da criança e seu conhecimento cultural", além de ser "fundamental a ampliação do repertório". Contudo, infelizmente este tipo de professor é minoria, pois os dados nos mostram que mais da metade dos professores desconsideram o sujeito para o qual falam, bem como seu repertório pessoal e as brechas de acesso a ele – processo crônico da educação.

Sendo assim, há que se focar no aluno, o ator principal neste processo, e na própria imagem/obra de arte.

Pensando nos alunos dos anos iniciais do Ensino Fundamental e na proposta do trabalho de curadoria educativa, incluindo a leitura de obras de arte, é aconselhável que esta seja realizada oralmente, para que o professor possa saber como os alunos estão analisando e interpretando a obra de arte, para provocá-los, caso seja necessário, a perceberem maiores detalhes e fazerem perguntas, deixando dessa forma, a aula mais dinâmica.

As questões levantadas durante a leitura da imagem fica a critério do professor, lembrando que a imagem em si e o aluno, são os principais elementos desta ação. Após esgotarem as leituras, o professor deverá fazer a contextualização histórica de uma ou mais obra de arte, exemplificando: tal imagem foi produzida por um sujeito, em um determinado contexto, em uma época determinada, pode informar os materiais utilizados na obra, quem o inspirou a ser pintor, entre outros.

As informações relativas às imagens/obras de arte trabalhadas deverão ser breves, pois é fora de propósito dar uma aula de história da arte nos moldes da escola tradicional, com memorização de datas e locais a alunos dos anos iniciais do Ensino Fundamental. A contextualização histórica deverá ser breve, de acordo com a idade dos alunos, com seu tempo de concentração e também com a sua curiosidade.

Para Martins (2006) mediar não significa ser uma ponte entre quem sabe e quem não sabe, entre a obra e o espectador, no nosso caso o aluno, mas como um “estar entre” muitos como: mediar entre as obras escolhidas, entre elas e os alunos, o estar entre, da mediação cultural não pode desconhecer o interlecutor/aluno e o desafio maior: provocar uma experiência estética.

O professor mediador é um orientador entre conteúdos e alunos, um estimulador em relação à aprendizagem e a superação de obstáculos, que possam surgir, um instigador à pesquisa, ao levantamento de hipóteses, à construção de conceitos, valores, atitudes e habilidades, um provocador que desconstrói certezas, problematiza conteúdos, propicia o crescimento cognitivo, sensível, social, estético dentre outros.

Outra característica relevante do professor mediador é a interação com os alunos, a flexibilidade, o estabelecimento de vínculos e consequentemente a confiança entre ambos: professor e alunos. O professor deve se mostrar competente na sua área de atuação, demonstrando conhecimento e domínio teórico na forma de conduzir sua aula, apresentando uma metodologia que promova questionamentos.

A proposta de articulação entre o fazer artístico, a apreciação estética e a contextualização histórica, que mencionamos na realização deste trabalho de escolas municipais de jornada ampliada, é chamada de Proposta Triangular para o ensino de Arte e foi sistematizada por Ana Mae Barbosa a partir de experiências realizadas no Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo no final dos anos 80 e amplamente difundidadesde a década de 90 até a contemporaneidade.

Na questão da produção artística sugerimos a utilização destas obras de arte apreciadas, tanto nas salas de aula, como também em museus, exposições em galerias e outros, como suportes interpretativos.

Para Barbosa (1991, p. 107),

> Quando o aluno observa obras de arte e é estimulado e não obrigado a escolher uma delas como suporte de seu trabalho plástico a sua expressão individual se realiza da mesma maneira que se organiza quando o suporte estimulador é a paisagem que ele vê ou a cadeira de seu quarto [...] O importante é que o professor não exija representação fiel, pois a obra observada é suporte interpretativo e não modelo para os alunos copiarem.

CONCLUSÃO

Acreditamos ser esta escolha, da curadoria educativa, por parte dos professores que atuam em oficinas pedagógicas de Arte, de extrema relevância, pois possibilitará que eles tenham um olhar mais criterioso nas suas escolhas e possibilita este mesmo olhar a seus alunos em suas escolhas, exercitando assim, uma percepção e compreensão mais aguçada em relação à arte.

Esse tipo de proposta faz com que o aluno faça comparações entre diferentes obras, épocas e contextos, possibilita também, que o aluno conheça mais de um pintor e os diferentes estilos entre eles. É uma ótima oportunidade para o professor mostrar que não existe um jeito único de representar, e sim inúmeras formas de ver, interpretar e representar, possibilita que o aluno exponha suas ideias, interaja com o grupo, aprenda a ouvir e a falar, consequentemente respeitar a opinião dos colegas, trabalha com a oralidade, descontração, percepção, observação, além de promover aulas extraclasse, com idas a museus, galerias e outros, propiciando desta forma, a inserção do aluno em seu contexto cultural e artístico.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Ana Mae Tavares Bastos. (org.). **Teoria e prática da educação artística** *2*. ed. São Paulo: CULTRIX, 1995.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental.

Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil. Brasília: MEC/SEF, 1998.
BUORO, Anamélia Bueno. **O olhar em construção:** uma experiência de ensino aprendizagem da arte na escola. São Paulo: Cortez, 1998.

DUARTE. João Francisco Jr. **Itinerário de uma crise: A Modernidade**. 2 ed. – Curitiba: Ed. Da UFPR, 1999.

MARTINS, Mirian Celeste Ferreira Dias. **Didática do ensino de arte:** a língua do mundo: poetizar, fruir e conhecer arte. São Paulo: FTD, 1998.

_____, Mirian Celeste (coord.). Curadoria educativa: inventando conversas. Reflexão e Ação – Revista do Departamento de Educação/UNISC - Universidade de Santa Cruz do Sul, vol. 14, n.1, jan/jun 2006, p.9-27.

PILLAR, Analice Dutra. **A Educação do Olhar no Ensino das Artes**. 2 ed. Porto COMPLETAR 1996